



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**EDUCAÇÃO MODERNA E A QUESTÃO DA MORAL NA
CONCEPÇÃO DE NIETZSCHE**

Neide Ana Pereira Ramos*

A inspiração helênica na filosofia de Nietzsche pode ser francamente observada no conteúdo de sua obra, como na abordagem de seus temas principais. A marcante presença dos gregos manifesta-se em sua análise, nas Conferências Sobre Os Estabelecimentos de Ensino, quando reflete sobre a educação na Alemanha de sua época, exatamente por ser a cultura grega inspiração para o projeto educacional sugerido por Nietzsche como alternativo para o modelo desses dias. Para Nietzsche, a cultura e a educação da Alemanha moderna, diferentemente da dos helenos, carecem de estilo: “A Alemanha do século XIX crê na verdade eterna de sua educação e no seu ‘estilo de cultura’, mas, na verdade, falta tal estilo, pois a cultura é a ‘unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo’.. O filósofo alemão, sonhava com um ideal de educação tal como era na Grécia Antiga, uma educação ancorada nas experiências da vida.

A Grécia pode ser considerada como berço, lugar de origem do que veio a se conceber como cultura, é um seio ao qual deve-se retornar para encontrar orientações sobre arte e vida cultural. Esse tipo de regresso é proposto por Nietzsche em seu projeto para uma educação do futuro, no qual o estudo dos clássicos é considerado fundamental

* UNIGRANRIO; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Consórcio UNIRIO/CEDERJ

para um tipo de educação que tenha como finalidade apoiar o surgimento do gênio e com isso a construção de uma cultura superior. Com esta proposta, Nietzsche não pretende um regresso aos clássicos no sentido de imitá-los, mas tem o objetivo de indicar que o modelo helênico até os dias atuais é o paradigma de uma cultura autêntica, pois foi alimentado pelas experiências e tradições de seu próprio povo.

Nosso objetivo consiste então, em realizar uma análise em torno das críticas nietzscheanas referente à educação na modernidade, enfatizando os excesso de burocratização das instituições escolares alemãs do período novecentista. A partir de tais pressupostos é possível levantar os aspectos da moral imbricadas na filosofia de Nietzsche com efeitos, repercussões e desdobramentos sentidos na educação contemporânea. Nietzsche criticava a educação alemã por estar condicionada ao alargamento da cultura, à especialização, à universalização da cultura e ao reducionismo cultural. Todos estes temas têm origem num esmo problema que assola o sistema educacional moderno e que Nietzsche combate de maneira intensa e visceral: a desvalorização do saber autotélico, isto é, a desvalorização de um saber cujo fim esteja em si mesmo, no prazer da inquirição, na busca do conhecimento.

Outro ponto relevante, destacado pelo filósofo, refere-se o excesso de historicização e erudição que colocariam o homem a serviço de uma ciência, de um produção mercantil e de um Estado capitaneado pelo capitalismo exagerado. Para tanto, Nietzsche sinalizou a importância dos "homens superiores" na educação dos indivíduos. Segundo o pensador, a educação não deve instruir o homem ou informá-lo de determinadas noções, deve despertá-lo para elevação da cultura, para afirmar a vida, para que este se sentisse impulsionado para novas possibilidades e aspirações.

Reportando-nos à historicidade, entre os anos de 1789 e 1848, as concepções de mundo e de homem sofreram grandes transformações. Nesses cinquenta anos ocorreram duas grandes revoluções: uma delas mais conhecida por seu caráter econômico e a outra por seu cunho político. A primeira delas, a saber, a Revolução Industrial, teve início na Inglaterra e acabou por modificar o modo de produção feudal substituindo-o pelo modo de produção capitalista. Já a segunda - a Revolução Francesa - foi a revolução em que o regime monárquico absolutista sofreu seu mais duro golpe na Europa e pela qual se levantou a bandeira dos ideais de Liberdade, Fraternidade e Igualdade.

A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo e em todo o âmbito social. Após essa

revolução, a era agrícola foi superada, a máquina começou a suplantar o trabalho humano e a relação entre capital e trabalho se impôs. Também novas relações entre as nações se estabeleceram e surgiu o fenômeno da cultura de massa, entre outros fatos importantes.

No entanto, toda transformação operada a partir dessa revolução só foi possível em função da combinação de diversos fatores, como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma série de invenções, tais como o motor a vapor. Desde então, o capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente.

A Revolução Francesa teve início em 1789, ocorreu em um período em que a situação social na França era tão grave e o nível de insatisfação popular tão grande que o povo foi às ruas com o objetivo de tomar o poder e arrancar o governo da monarquia comandada por Luis XVI. A Queda da Bastilha marca o início do processo revolucionário, pois a prisão política era o símbolo da monarquia francesa. O lema dos revolucionários era "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", pois ele resumia muito bem o desejo do terceiro estado francês. Durante o processo revolucionário, grande parte da nobreza deixou a França, porém a família real foi capturada enquanto tentava fugir do país. Presos, os integrantes da monarquia, entre eles o rei Luis XVI e sua esposa Maria Antonieta foram guilhotinados em 1793. O clero também não saiu impune, pois os bens da Igreja foram confiscados durante a revolução.

A Revolução Francesa foi um importante marco na História Moderna da nossa civilização. Significou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza. O povo ganhou mais autonomia e seus direitos sociais passaram a ser respeitados. A vida dos trabalhadores urbanos e rurais melhorou significativamente. Por outro lado, a burguesia conduziu o processo de forma a garantir seu domínio social. As bases de uma sociedade burguesa e capitalista foram estabelecidas durante esta revolução.

Contudo, as reformas que visavam o desenvolvimento e o progresso da sociedade propostos neste período não foram coroadas de sucesso como presumiam seus líderes; e muitos movimentos de resistência acabaram por surgir com o intuito de apontar as falhas e os perigos que a modernidade trazia em seu bojo.

Logo após a explosão da Revolução Franceem 1789, na qual assistimos a derrubada da monarquia e a subsequente proclamação da República, a França enfrentará em 1793 o início de um período de Terror, que produziu centenas de vítimas. A guilhotina tornou-se o símbolo sinistro de morte que punha fim às grandes esperanças filantrópicas,

humanitárias e pacifistas acesas pelos ideais iluministas. A ascensão napoleônica, que culminou em 1804 com a proclamação do Império, e as campanhas militares que puseram a Europa sob ferro e fogo e subverteram toda a estrutura política e social do antigocontinente, instaurando novo despotismo, fizeram ruir por terra todos os resíduos da esperança iluminista que ainda restavam. Todavia, antes mesmo que explodisse a Revolução na França, a cultura registrava na Alemanha as primeiras modificações de vulto que, em médio prazo, na passagem do século, levariam à superação total do iluminismo. O movimento que produziu tais modificações nesse período ficou conhecido sob o nome de Sturm und Drang, que significa “Tempestade e Assalto”. As posições e idéias de fundo deste movimento revelam o seu caráter nostálgico pleiteando a exaltação da natureza; a estreita relação da natureza e o gênio que é compreendido como força originária⁹⁶. É possível constatar uma grande influência desses ideais no pensamento do jovem Nietzsche. Em sua III Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador, onde trata da questão do gênio e sua importância para a construção de uma cultura autêntica, deixa clara a afinidade entre o gênio e a natureza, sendo ambos capazes de destruição e criação. O gênio, segundo Nietzsche, é aquele capaz de plasmar novas formas de existência e para tal ele deve ser capaz de destruir aquela estabelecida, deve ser como a natureza em seu processo contínuo de criação e destruição, agir como uma mãe zelosa e também como madrasta; o panteísmo, em contraposição à concepção deísta da divindade como Intellecto ou Razão Suprema, própria do Iluminismo (a religiosidade assume aqui novas formas que, em seus pontos extremos, se expressa, por exemplo, no titanismo paganizante do Prometeu de Goethe); o sentimento pátrio que se expressa no ódio ao tirano, na exaltação da liberdade e no desejo de infringir convenções e leis externas; e, por fim, o apreço aos sentimentos fortes e às paixões calorosas e impetuosas, bem como aos caracteres francos e abertos.

Vale ressaltar que os alemães, segundo Nietzsche, deveriam resistir aos ideais que levaram à eclosão das revoluções industrial e francesa e lutar para erigir um modelo próprio de existência. Sugere assim que o renascimento da arte trágica seria o meio por excelência para alcançá-lo e assim constituir uma cultura singular e verdadeiramente alemã. O Sturm und Drang pode ser considerado como uma espécie de reação antecipada à própria Revolução, enquanto se apresenta como reação contra o Iluminismo, do qual a Revolução Francesa foi o coroamento.

Refletindo sobre as instituições de ensino na Alemanha, Nietzsche chegou à conclusão de que o modelo de educação de sua época, baseado em métodos antinaturais, segundo sua visão pedagógica, espelhava uma determinada tendência cultural que podia ser compreendida a partir de duas correntes em vigor: a de estender a cultura ao máximo possível e a de reduzi-la, enfraquecendo-a. Ele chamava esses métodos antinaturais porque desconheciam a natureza do próprio homem, estando ancorados em tendências artificiais, contrárias às suas forças criativas. Seria importante indagar até que ponto todo o ensinamento proposto pelas instituições da época estavam a serviço da vida ou contra ela. Essa pseudocultura, para Nietzsche, era duvidosa, formada por indivíduos que adotavam atitudes superficiais, contrárias a sua própria natureza. Para Nietzsche, a exagerada valorização da razão em detrimento dos instintos, das pulsões vitais (apolíneas e dionisíacas) e do corpo teria levado a cultura moderna a uma situação de aniquilamento.

Nietzsche assinala, entre os vários motivos que levaram a cultura alemã de seu tempo a uma situação calamitosa, duas máximas da educação que estavam em voga: uma que exigia que o educador reconhecesse o ponto forte de seus alunos a fim de levar à maturidade e à fecundidade essa única virtude; a outra máxima, contrariamente à primeira, impelia o educador a tirar partido de todas as capacidades do discente, que as cultivasse para que reinasse entre elas uma relação harmoniosa. Questionando a efetividade dessas máximas, Nietzsche chega a conclusão que o educador ao invés de adotar uma única dessas propostas, deveria descobrir a força central de seus alunos, mas também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças. Ele imaginava que a tarefa educativa do filósofo consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que revelasse a vida e, em descobrir nesse sistema a lei da mecânica superior e, assim, alcançar o objetivo fundamental da cultura que é possibilitar e preparar o homem para enfrentar os problemas fundamentais da existência. Era nesse sentido que, segundo Nietzsche, o mestre deveria encaminhar as forças de seus alunos. Mas, esse filósofo educador ainda estava por chegar e nostalgicamente ele comparava a condição da educação de sua época àquela vivida pelos gregos e romanos. E se ressentia da falta de seriedade e severidade na concepção das tarefas da educação.

As críticas de Nietzsche não se restringiram só a apontar um futuro mais promissor para as instituições de ensino, a partir de uma espécie de revolução dos métodos pedagógicos que teria como objetivo final não só o homem corrente, mas o

homem livre e criativo, figura essencial para a construção de uma cultura autêntica e verdadeira. Este é, indubitavelmente, o cerne das críticas feitas por Nietzsche ao sistema educacional moderno, as quais se aplicam claramente aos sistemas educacionais contemporâneos que muito endossam a prática da memorização em detrimento da real apreensão dos saberes transmitidos aos estudantes, sejam estas crianças ou jovens adultos em estágios mais avançados da formação educacional. Entretanto, Nietzsche, sempre enxergando para além do seu próprio tempo, postula uma educação para a criação, uma educação para a superação e afirmação da vida. Este educador, extemporâneo, vai inovar a prática docente reservando um lugar de merecido destaque à criação que, por sua vez, irá privilegiar a dimensão sensível e criativa do homem, dotando-o de um espírito harmônico. Contrariamente a esses valores, o que Nietzsche propôs-se a fazer de maneira magistral foi incutir no homem a certeza de uma busca permanente da verdade, a qual rejeita qualquer tentativa de imposição de limites arbitrários à autonomia, à reflexão, à criação que a que embasa e fundamenta o verdadeiro conhecimento. Neste sentido, a questão da moral pode ser pensada como sinônimo de malefício ao homem, pois engendra no mesmo a condição de escravo e homem do rebanho. A estratégia aqui, adotada, não é a de mostrar um caminho a ser seguido, mas permear possibilidades para que se possa pensar numa educação pautada na reflexão, participação e criação. Nietzsche postula os valores vigentes como niilistas, negadores da vida e da existência, e propõe que eles sejam transvalorados. Destarte, julgamos a pertinência deste tema tratado por Nietzsche como condição por entender que o mesmo se faz presente na contemporaneidade. Época de fugacidades e de relações efêmeras, inclusive na educação, pois estamos preocupados em quantificar resultados e, talvez seja, por isso, que precisamos de respostas através de avaliações externas, tais como: ENEM, ENADE entre outros. Precisamos valorizar questões essenciais para a vida e para a formação do sujeito. Na realidade, o que resta entender, em termos sociais, quem é mais atingido pela qualidade da oferta e da seletividade do sistema? A interrogação vale como um alerta para a necessidade de um exercício de reflexão para compreender a totalidade de um diagnóstico que não envolve apenas a aprendizagem no espaço escolar, mas para além dela. É necessário localizar as dificuldades em termos da aprendizagem na vida do educando para tentar saná-las, pois a realidade atual se não ordena, legitima os desejos e as escolhas dos nossos alunos.

Para destronar a questão da moral estabelecida pelos grandes racionais desta época, Nietzsche propõe a transvaloração dos valores. Para o autor, a moral ocidental está

embebida de uma forma teleológica em Deus. A preocupação do filósofo não é a de estabelecer uma investigação metafísica de comprovar a existência de Deus, mas a de fazer algo com objetivo de receber uma graça divina, ideal ascético. A moralidade, todavia, estaria entrelaçada à hierarquização do poder na sociedade e nas relações entre os sujeitos. Assim, os valores seriam uma criação e produção do homem.

Este pensador extemporâneo, crítico da moral, coloca em suspeita a crença em toda a moral e a moral cristã estaria embasada na questão do ressentimento. Ressentimento estaria alocado na categoria da inércia, a do não movimento, a não ação e se age, culpa o outro do que não pode fazer e do que ele não é. Neste sentido, estaria o homem submetido ao paradoxo : força X fraqueza. Contudo, a moral cristã levaria o homem a um refúgio à vida ; não seria capaz de levar o homem a uma autoperfeição e sim, a uma decadência, à moral do escravo. Devemos nos ater a questão de que Nietzsche não pretende estabelecer uma discussão sobre a moral, mas a de que a moral seria subserviente a uma condição de escravo de seus próprios preconceitos. Partindo deste pressuposto a moralidade na vertente nietzschiana proporciona, ao indivíduo, um grande desafio: reconhecimento de seus próprios limites, a busca de nossa essência.

No início da Genealogia da Moral(1998), o pensador faz uma crítica acirrada à moral dominante à época moderna; relata que esta seria altruísta e aponta para a ausência de conhecimento que o homem tem sobre si mesmo. Nietzsche, relata em seus escritos, que o Estado, na modernidade, assumiu uma postura repressora e tirana, pois retirou do homem a possibilidade de ser e desvalorizou o instinto de liberdade deste mesmo homem.

Ao analisarmos as questões, apontadas pelo filósofo, sobre a moral, podemos relatar que ao questionar os valores da época, este conclama a ideia de que este ideário estabelecido pela modernidade enfraquece as forças vitais e instintivas do homem tornando-o fraco. Assim, o homem moral, torna-se o homem bom para a sociedade alicerçando a ideia do « tu deves ».

Nossa pretensão não é a de apreender uma receita de bolo para a sociedade e para a educação. Mas, a de proporcionar uma reflexão sobre a educação e sobre os valores morais estabelecidos. Os escritos de Nietzsche ajudam-nos a pensar sobre o poder legitimado que vem direcionando, modelando e engessando nossos alunos, nossas escolas no que tange à criação. Estamos sobre a égide de um capitalismo tão voraz que as forças dos sujeitos estão sendo consumidas e estes estão sendo levados a uma obediência ao Estado,

à ciência e ao mercado. Propomos que esta discussão não se restrinja a este espaço, mas que você leitor, leve consigo a grande questão : O que tenho feito para os meus alunos ?

Será que estamos suprimindo toda e qualquer possibilidade de criação de nossos alunos ? Não queremos propor algo que seja para além do universo, mas que seja uma educação voltada para a humanização dos sujeitos e não para uma redução de suas potencialidades vitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. Assim falou Zaratustra. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. Genealogia da Moral. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. O Nascimento da Tragédia. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. Escritos sobre Educação. Trad. Noeli Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2003.

